

**ESPAÇOS PANTANEIROS - RELATO SOBRE O COTIDIANO EM UMA FAZENDA TRADICIONAL NA REGIÃO DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: ELOS COM A EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLARIZADA**

**Germano Guarim Neto**<sup>1</sup>  
**Vera Lucia M. S. Guarim** (*in memoriam*)<sup>1</sup>  
**Maria Antonia Carniello**<sup>2</sup>  
**Zulema Netto Figueiredo**<sup>3</sup>

**RESUMO** – É feito um relato da atividade diária da lida com o gado, na região de fronteira do Brasil-Bolívia, na área de abrangência de Porto Limão, em uma fazenda de pequeno porte, onde o seu proprietário, previamente disposto a participar da pesquisa, forneceu informações sobre as atividades e suas percepções a respeito da lida com o gado no pantanal.

**Palavras-chave:** Pantanal. Educação. Meio ambiente. Fazendeiro tradicional.

**ABSTRACT** - The authors present data about man, pantanal and cattle according a traditional farmer in the pantanal of the Brazilian-Bolivian border. The data prioritize the environmental perception of the farmer and his activities in that region.

**Key words:** Pantanal. Education. Environment. Traditional farmer.

### **Introdução**

O estado de Mato Grosso caracteriza-se por ter seu território geográfico implantado em áreas dos biomas do cerrado, pantanal e floresta. O bioma do pantanal situa-se na porção noroeste sul do Planalto Central, com recursos ambientais oriundos da diversificação que ali ocorre e ainda pela variação da água, em seus ciclos.

Dessa forma, no pantanal mato-grossense os rios e outros cursos d'água são importantes para a dinâmica regional. Destacam-se nesse contexto os rios Bento Gomes, Sepotuba, Jauru, Paraguai que se apresentam com funções vitais para a continuidade da vida pantaneira.

Vale salientar que no pantanal a sazonalidade é importante no contexto das mudanças fisionômicas temporárias, posto que o ciclo de cheia-vazante-seca é fundamental para os organismos que habitam a região, assim como para o próprio pantanal, enquanto área alagável, área úmida.

1. Departamento de Botânica e Ecologia, Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. [guarim@ufmt.br](mailto:guarim@ufmt.br)

2. Departamento de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Naturais e Tecnológicas. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres - MT. [carniello@unemat.br](mailto:carniello@unemat.br)

3. Professora. Departamento de Agronomia. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres - MT. [zulema@unemat.br](mailto:zulema@unemat.br)

As áreas pantaneiras têm características que as moldam, constituindo diferentes “pantanais”, em um mosaico de complexidade onde as relações entre os seres e os ambientes se manifestam.

Dessa forma, tem-se o pantanal distribuído em Mato Grosso por localidades situadas nos municípios de Poconé, Santo Antônio de Leverger, Barão de Melgaço, Cuiabá, Cáceres, N. S. do Livramento, onde comunidades humanas se adaptaram e desenvolveram modos de vida peculiares, perfeitamente conciliadas com o ambiente em que se inserem.

Essas comunidades pantaneiras são extremamente dependentes das condições ambientais da planície pantaneira, onde a água é fator marcante. Entretanto, sabem e entendem que tanto o ambiente aquático como o terrestre são imprescindíveis para as suas vidas. Então, são pescadores ribeirinhos e ao mesmo tempo exercem atividades na agricultura familiar. Ou se dedicam à criação de gado, como em terras situadas na fronteira Brasil-Bolívia.

Como afirma Guarim Neto (2010), *“no pantanal as relações estão presentes no cotidiano das ações que permeiam o fazer e o saber repassado transgeracionalmente, nos mais diversos e ricos momentos das atividades que os seus habitantes desenvolvem (a pesca, a boiada, o cultivo, as festas religiosas ou mesmo profanas, o banho nos rios e outros cursos d’água, a ida ao campo em busca de plantas que têm diferentes utilidades, a conversa pausada, o preparo da comida, a observação e reconhecimento dos seres do ambiente, as festas religiosas etc.)”*.

O saber local (GEERTZ, 2000), o conhecimento ambiental tradicional das comunidades humanas é revelador de práticas culturais que se sedimentam e os descendentes as manifestam no ambiente de suas vivências. É o conhecimento que circula e fortalece os elos ambientais dos comunitários. No pantanal estas manifestações são muito visíveis, em qualquer atividade, em qualquer evento.

O pantanal da região da fronteira Brasil-Bolívia, mais precisamente no município de Cáceres, foi objeto de estudos voltados para a sua conservação (GUARIM NETO *et al.*, 2005; CARNIELLO *et al.*, 2010), tendo por base o etnoconhecimento de habitantes de fazendas de pequenos e médios portes, tradicionais nessa região.

Partindo da rica e extensa área de Porto Limão, contemplada pelo rio Jauru, na interlocução direta com essas pessoas, especialmente dedicadas à pecuária, buscou-se conhecer a sua atividade cotidiana com o gado na sazonalidade que caracteriza esse ambiente, e como se processa a adaptabilidade às condições ambientais pantaneiras. Desses prazerosos contatos emergem conhecimentos profundos que demonstram a herança recebida de ancestrais e que têm seus significados frente às peculiaridades da região (GUARIM NETO *et al.*, 2005).

Assim, ao adentrar na área da fronteira Brasil-Bolívia, espaço já percorrido por Januário (2004), através da estrada que leva de Cáceres a San Mathias, é comum

perceber a presença de um elemento importante nessa região, e constante na paisagem do pantanal local!

É o boi, o gado, a boiada, que ocupa os espaços das pequenas e médias fazendas, onde a lida com o gado mostra estratégias de adaptação humana ao ambiente pantaneiro.

Pausadamente, contemplamos o movimento destes animais e gradativamente somos levados a refletir sobre a sua presença em áreas pantaneiras, definindo espaços de pastagens que são fundamentais para a sua sobrevivência e também a sobrevivência dos seres humanos que deles necessitam, e cuidam para que possam ter o retorno de uma atividade tradicional nessa região pantaneira: a pecuária.

Refletimos também como conciliar pecuária e conservação ambiental.

Como conciliar pantanal-seres humanos-pecuária.

Como se processa a sustentabilidade ambiental em áreas de pastagens, sob a movimentação do gado e dos seres humanos que habitam e conhecem os diferentes locais e paisagens.

Como afirmam Mazza *et al.* (1994), “os bovinos sempre acompanharam os modelos de movimentação dos diferentes povos”. “... Quando os primeiros fazendeiros chegaram ao pantanal com o objetivo de promover a pecuária, já encontraram bovinos em grandes rebanhos ariscos submetidos às leis da natureza, multiplicando-se sob as leis da seleção natural”.

É importante que se valorize o etnoconhecimento, especialmente, com é o caso do estudo ora exposto, do conhecimento particularizado de um pantaneiro, pois dessa forma, indicadores para a conservação biológica e cultural são salientados e fornecem elementos necessários para a manutenção de diferentes ambientes e mesmo para a implementação de planos de manejo.

Nesse sentido, conhecer e presenciar as atividades cotidianas da lida com o gado é um exercício que consubstancia e promove a interação entre diferentes atores sociais: pesquisadores, fazendeiro, peão, famílias pantaneiras, pessoas idosas (BOSI, 1999) ou mais jovens.

Portanto, este relato tem por objetivo mostrar um dia na vida de um pequeno fazendeiro, em seu espaço de lida, de trato com o gado, de relação com o ambiente, corporificando uma atividade que é tradicional, herdada ancestralmente e mantida na atualidade.

## OS PASSOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em área do pantanal da fronteira Brasil-Bolívia, no município de Cáceres, na região denominada de Porto Limão, cuja comunidade ainda conserva traços e atitudes tradicionais no seu cotidiano com o ambiente pantaneiro, o qual conhece e ali exerce suas atividades.

A condução da pesquisa foi feita tendo por base o caráter qualitativo-descritivo, cujo protocolo foi desenvolvido levando em consideração aspectos referentes a:

- seleção da fazenda;
- contato com o fazendeiro;
- disponibilidade de participação desse ator social envolvido;
- relato não-formal ao pesquisador de suas atividades diárias, sendo anotado em um caderno de campo e gravado com anuência do fazendeiro;
- observação *in loco* das atividades citadas (caminhadas nas terras da fazenda, em trilhas e direções diferenciadas);
- percepção dos espaços onde as atividades são desenvolvidas (o curral, o pasto, a água etc.);
- documentação fotográfica (permitida) dos aspectos referenciados.

Toda entrevista (interlocução) foi realizada em terras da fazenda, onde os pesquisadores e sua equipe, juntamente com o fazendeiro e sua família se reuniram no espaço externo (*terreiro*) próximo à cozinha da casa central, formando um círculo, servindo de assento, cadeiras e pequenos troncos de madeira, comodamente instalados à sombra de majestosas e frondosas mangueiras (*Mangifera indica* L. – Anacardiaceae).

Inicialmente foi informado o nosso objetivo naquela região, tratados outros assuntos mais triviais, até que a confiança no grupo pudesse ser instalada.

A partir daí a entrevista (interlocução) foi fluída e fraterna e os pesquisadores e sua equipe puderam ter o contato com a realidade da “lida” com o gado, exercida por um fazendeiro tradicional, em suas terras.

O consentimento prévio do informante foi obtido de forma oral.

## A LIDA COM O GADO: RETRATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA PANTANEIRA

**Os olhares multifacetados:** inicialmente, já dispostos em círculo, foram observadas todas as atitudes, gestos e olhares que gradativamente foram sendo associados com a presença de estranhos em um território de domínio ancestral próprio,

onde tudo tem um significado e os símbolos têm uma representatividade muito significativa no contexto das relações que estabelecem entre os seres que habitam o pantanal.

O suave cantar dos pássaros desperta para momentos em que a interpretação da natureza é muito forte, como indicador de situações que devem ser imediatamente reveladas, pois, por exemplo, “*quando a anhuma, a gralha, o massa-barro canta, eles avisa e mostra o gado*”; o caminhar silencioso do gado em seus espaços de movimentação e forrageio, o material da lida acomodado em seus locais e a própria conversa pausada e séria que se processa no *locus* desta experiência.

Assim, após os olhares iniciais que mostravam uma certa precaução, de observação silenciosa, o nosso parceiro-entrevistado inseriu-se na pesquisa e começamos a conversar sobre fatos da sua vida até atingirmos o seu dia-a-dia na fazenda, o que nos trouxe uma mostra do trabalho que é realizado, das interações ambientais e do modo-de-vida que se estampou perante os nossos olhares.

Modo de vida pantaneiro, onde a herança cultural é ressignificada, valorizada e serve de fundamentação para a continuação da atividade pecuária na região, com forte inserção de mecanismos que favorecem identificar indicadores para essa prática e sua manutenção.

Para conciliar a atividade pecuária com a conservação ambiental, com a continuidade de um processo que se instalou na região e hoje tem seus continuadores naqueles que têm um profundo conhecimento da sazonalidade do pantanal e das adversidades que porventura possam advir da mesma.

De suas peculiaridades, de suas funções, de sua maneira de ver e enxergar o mundo. Um mundo que prevê o oferecimento de um cafezinho, um refresco aos visitantes, os quais aceitamos e saboreamos no espaço pantaneiro de nossos antepassados e presentificados por nós na atualidade.

**O espaço percebido:** observando silenciosamente o nosso entorno, até onde a vista pudesse alcançar e os pensamentos fluírem, voarem ao sabor do vento e da imaginação, percebemos fundamentalmente a porteira de acesso à propriedade; o pequeno e simples cômodo da festa do santo, espaço densamente fortalecido pela fé; a singela casa principal da moradia do fazendeiro e sua família, tendo no jardim plantas ornamentais em floração, algumas medicinais, algumas árvores nativas da região; construções menores no terreiro contíguo e na parte de trás da casa principal; o curral; o pasto (nativo e plantado); a pequena poça d’água; a presença de muitos pássaros nativos da ornitofauna pantaneira; os animais domésticos como galinhas, cães; plantas nativas e exóticas, tanto arbustos como árvores; as cercas da propriedade; o gado que pastava e se movimentava; e tanto mais próximo como mais distante, no horizonte, a vegetação pantaneira em densas cordilheiras e alguns capões, entremeados por plantas aquáticas (crescendo em pequenas porções de água).

Vale destacar a limpeza do quintal (terreiro), onde certamente ocorrem muitas das conversas familiares e mesmo o pequeno forno de lenha e o pilão, instrumentos fortes e significativos, artesanais, do cotidiano do mato-grossense autóctone. *Locus* de vida e experimentações diárias.

História de vida que se consubstancia na prazerosa harmonia com o pantanal e suas peculiaridades. Refletindo, podemos salientar que espaço e lugar são desvelados nos escritos de Tuan (1983).

**A lida diária com o gado e com a propriedade:** especificamente sobre a lida com o gado, foi feita uma única pergunta-chave ao fazendeiro (*o Senhor poderia contar para nós como é um dia do seu trabalho na lida como gado, desde quando acorda até quando vai dormir?*).

A partir desta indagação ampla e generalista, este foi pausada, lenta e detalhadamente explicando e mostrando as diversas facetas da atividade, o que favoreceu o diálogo e propiciou o conhecimento da atividade que buscávamos.

Dessa forma, a atividade cotidiana com a lida com o gado pode ser assim estruturada, de acordo com as indicações dadas pelo fazendeiro em seu depoimento:

**INÍCIO: 04:00 horas:** a atividade diária começa neste horário, com um café tomado cedinho, substancioso, denominado de *quebra-torto*.

O *quebra-torto* é um hábito tradicional mato-grossense, culturalmente vinculado aos trabalhos pesados, posto que é saboreado antes de iniciar os mesmos. Em geral, é composto de uma gostosa farofa (mistura quente de farinha de mandioca com carne seca, temperada com muita cebola), acompanhada de café puro, chá-mate ou mesmo leite). No pantanal este hábito ainda é bastante comum.

A partir daí começa a lida com os trabalhos inerentes ao gado e ao espaço das terras de sua propriedade:

- tirar leite das vacas (esta atividade em geral é o ponto de partida para os demais trabalhos da lida diária) que passaram a noite no espaço do curral,

- cuidar da criação (aqui se inclui alimentar galinhas, pintos novos, porcos, etc. Também colher ovos das galinhas nos ninhos),

- cuidar da roça (capina, limpeza, colheita) de subsistência onde em geral são cultivadas: banana (*Musa paradisiaca* L.), quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), melancia (*Citrullus vulgaris* L.), abóbora (*Cucurbita maxima* L.), milho (*Zea mays* L.). Um dado interessante que foi informado é que ele não usa defensivos agrícolas na roça.

- cuidar do gado (inclui também em épocas certas, a vacinação): por exemplo, retirar do pasto os frutos da ximbuva (*Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong), cuja afirmação remete para esta atividade:

*“O fruto dá requeima. O gado perde a pele, fica magro.  
Se não cuidar, ele morre. A gente cuida com remédio comprado”.*

- cuidar do pasto (se for para formar o pasto: derruba-se quase tudo, usando foice, machado e até moto-serra.

Selecionam-se as plantas que ficarão para sombrear pequenas porções do novo pasto (como cumbaru= *Dipteryx alata* Vogel). Faz-se a limpeza (coivara) do local; queima-se. Então *“as sementes do capim que serve para o lugar são plantadas. Se em lugar mais alto, o braquiarão, se mais baixo, humidícola”.*

Em cerca de 90 dias o capim produz as sementes e o pasto está então formado, podendo o gado ser introduzido nele. As afirmações abaixo, colhidas na região, mostram claramente a situação do gado e do próprio pasto:

*“O gado que acostuma no pasto formado (plantado) não quer outro, nativo.  
Eles até arrombam a cerca para chegar no plantado”.*

*“... Mas, na seca brava, o pasto nativo segura bem melhor”.*

*“... Aqui no pantanal tem que ter os dois pastos: formado e nativo”.*

**+ - 09:00 horas** - novamente um reforçado *quebra-torto* (farofa, café, mate).

E as atividades que não foram concluídas no primeiro turno do dia são continuadas, como por exemplo:

- cuidar da roça (capina, limpeza, colheita),
- cuidar do gado,
- cuidar do pasto.

**+ - 11:30 – 12:00 horas** –almoço, que pode ser na casa principal ou mesmo no local de uma atividade que esteja distante da moradia.

Neste caso, ele leva *matula* (alimento colocado em um recipiente) para lá e a comida é então ali mesmo consumida. Após, tem-se um pequeno descanso (para fazer o “quilo”) e retorna-se à atividade. E continua ...

+ 17:00 – 17:30 horas - retorna à casa principal. Acomodam-se os materiais de trabalho no campo (enxadas, pás, picaretas, machados, foices, martelo, facão etc.) em local apropriado e ... um banho e ...

#### **JANTA-SE.**

Após o jantar (“a janta”), assistem (os membros da família) um pouco de televisão, ouvem rádio, conversam, contam “causos”, e assim, quando o sono chega,

#### **DORMEM.**

Entretanto, conforme informado, se a lua estiver clara, o gado sai para pastar. Se for época, nessas atividades são acrescentadas outras, como o preparo da farinha de mandioca, o doce-de-leite, o queijo, para consumo e também para pequenas vendas.

**Uma indagação final:** O que deu ao Sr. mais satisfação vivendo no pantanal?

*“A presença do campo limpo, com vista longe, para ver lá, outra fazenda”.*

Esta mesma pergunta foi feita à sua esposa que respondeu:

*“Desde criança eu tinha um sonho: morar no sítio.  
Hoje eu moro com grande prazer”.*

*“O prazer: minha família, meus pais, minha  
criação, meu lugar”.*

Essa relação afetiva com o meio ambiente é descrita por Tuan (1980), o qual denomina de topofilia, o que em suas palavras pode ser assim traduzido:

*“As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários efeitos, não é vista em todas as partes como a moradia final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o LAR de alguém – com todo o significado afetivo da palavra.*

Dessa forma, esperamos que nas evocações simples, verdadeiras, valiosas e afetuosas do nosso parceiro-entrevistado, o saber local seja vislumbrado e as nuances de uma educação não-escolarizada possam ser percebidas, especialmente quando se tem a transmissão destes conhecimentos aos membros mais jovens da família, os quais



certamente darão continuidade a este saber-fazer, a esta relação afetiva com o ambiente pantaneiro e com a atividade da “lida” com o gado.

Assim, seres humanos, natureza, pantanal e atividades cotidianas tradicionais da região se mesclam e mostram as diversificações que ocorrem nesta área alagável, com sua simbologia e significados.

## REFERÊNCIAS

ALLEM, A. C. & VALLS, J. F. M. **Recursos forrageiros nativos do pantanal mato-grossense**. Brasília: EMBRAPA, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

CADAVID GARCIA, E. A. **Estudo técnico-econômico da pecuária bovina de corte do pantanal mato-grossense**. Corumbá: EMBRAPA, 1986.

CARNIELLO, M. A.; GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L.M. S.; FIGUEIREDO, Z. N.; AMOROZO, M. C. M. Traditional use of vegetation for cattle-raising in the Pantanal on the Brazilian-Bolivian border. IN: Junk, W.J., Da Silva, C. J., Nunes da Cunha, C., Wantzen, K.M. (Eds.). *The Pantanal: Ecology, biodiversity and sustainable management of a large neotropical seasonal wetland*. Sofia-Moscow: Pensoft Publishers, 2010.

CORRÊA-FILHO, V. **A propósito do boi pantaneiro**. Rio de Janeiro: Pongetti/Ministério da Agricultura, 1926.

CORRÊA-FILHO, V. **Fazendas de gado no pantanal mato-grossense**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

GUARIM NETO, G. As plantas nos ambientes pantaneiros: olhares para o conhecimento botânico tradicional. IN: Absy, M. L.; Matos, F. A.; Amaral, I. L. (Orgs.). **Diversidade vegetal brasileira: conhecimento, conservação e uso**. Manaus: INPA/SBB, v. 1, 2010.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; FIGUEIREDO, Z. N. Cenários do pantanal da fronteira Brasil-Bolívia: um olhar para os indicadores na

educação ambiental. **IV Encontro de Educadores Ambientais de Mato Grosso – IV REMTEA**. Cuiabá (MT): UFMT, 2005.

HOEHNE, F. C. **Phytophysionomia do estado de Matto-Grosso e ligeiras notas a respeito da composição e distribuição da sua flora**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

JANUÁRIO, E. **Caminhos da fronteira: educação e diversidade em escolas da fronteira Brasil- Bolívia (Cáceres, MT)**. Cáceres: UNEMAT, 2004.

MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C. A. S.; SERENO, J. R. B.; SANTOS, S. A. & PELLEGRIN, A. O. **Etnobiologia e conservação do bovino pantaneiro**. Corumbá: EMBRAPA/CPAP, 1994.

TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.